

**narrativas de uma extensão sentipensante:
um canto ao caminhar, ao encontrar, ao dialogar...**

*narrativas de una extensión sentipensante:
un canto al caminar, al encontrar y al dialogar...*

*narratives of a sentipensante extension:
a chant for walking, encountering, and dialoguing...*

ricardo tammela¹
ana iasmin rodrigues bruno²
íris rigolon machado giglio santos³
marianna innocencio⁴
antonia zigoni⁵
rafaella folhadella battaglia⁶

resumo

Ao caminhar pelas ruas e servidões do Vale do Carangola, nos colocamos em movimento, abertas ao encontro, ao afeto e à linguagem que nos atravessa. Os encontros não são casuais; eles emergem da interação e, quando recorrentes, nos transformam. O toque – seja na palavra, no olhar ou no abraço – desperta a amorosidade, que se desdobra em compromisso e confluência. O texto narra essa experiência de caminhar à deriva, sentir e ser afetado, tecendo relações entre o cotidiano, os saberes populares e a universidade. O caminhar, o encontrar e o dialogar, entrelaçados com a experiência, compõem a trama viva de uma extensão universitária comprometida com a coletividade e a transformação.

Palavras-chave: Extensão sentipensante. Diálogo de saberes. Transformação social.

abstract

¹ Mestre em Educação pela Universidade Católica de Petrópolis, Rio de Janeiro, Brasil; arte-educador, extensionista e pesquisador dos cotidianos; coordena a área de Projetos e Extensão do Centro Universitário Arthur Sá Earp Neto, Rio de Janeiro, Brasil / Master in Education, Catholic University of Petrópolis, State of Rio de Janeiro, Brazil; art educator, extension worker, and researcher of everyday life; coordinates the Projects and Extension area of the Arthur Sá Earp Neto University Center, State of Rio de Janeiro, Brazil (ricardo.tammela@gmail.com).

² Graduanda em Medicina no Centro Universitário Arthur Sá Earp Neto, Petrópolis, Rio de Janeiro, Brasil/ Medical student at the Arthur Sá Earp Neto University Center, Petrópolis, State of Rio de Janeiro, Brazil (anaiasminbruno@gmail.com).

³ Graduanda em Medicina no Centro Universitário Arthur Sá Earp Neto, Petrópolis, Rio de Janeiro, Brasil/ Medical student at the Arthur Sá Earp Neto University Center, Petrópolis, State of Rio de Janeiro, Brazil (machadoiris8@gmail.com).

⁴ Graduanda em Medicina no Centro Universitário Arthur Sá Earp Neto, Petrópolis, Rio de Janeiro, Brasil/ Medical student at the Arthur Sá Earp Neto University Center, Petrópolis, State of Rio de Janeiro, Brazil (mariannapinnocencio@gmail.com).

⁵ Graduanda em Medicina no Centro Universitário Arthur Sá Earp Neto, Petrópolis, Rio de Janeiro, Brasil/ Medical student at the Arthur Sá Earp Neto University Center, Petrópolis, State of Rio de Janeiro, Brazil (antonia.zigoni@gmail.com).

⁶ Graduanda em Medicina no Centro Universitário Arthur Sá Earp Neto, Petrópolis, Rio de Janeiro, Brasil/ Medical student at the Arthur Sá Earp Neto University Center, Petrópolis, State of Rio de Janeiro, Brazil (rafaellafolhadella@gmail.com).

Walking through the streets and pathways of Vale do Carangola, we set ourselves in motion, open to encounters, affection, and the language that crosses us. These meetings are not casual; they emerge from interaction and, when they recur, they transform us. The touch – through words, a gaze, or an embrace – awakens an amorosity that unfolds into commitment and confluence. This text narrates the experience of walking adrift, of feeling and being affected, weaving relationships between everyday life, popular knowledge, and the university. Walking, encountering, and dialoguing, intertwined with experience, make university extension a living fabric of collectivity and transformation.

Keywords: Sentipensante extension. Dialogue of knowledge. Social transformation.

Resumen

Al caminar por las calles y senderos del Vale do Carangola, nos ponemos en movimiento, abiertas al encuentro, al afecto y al lenguaje que nos atraviesa. Estos encuentros no son casuales; emergen de la interacción y, cuando son recurrentes, nos transforman. El toque – en la palabra, la mirada o el abrazo – despierta la amorosidad, que se despliega en compromiso y confluencia. Este texto narra la experiencia de caminar a la deriva, sentir y ser afectado, tejiendo relaciones entre lo cotidiano, los saberes populares y la universidad. Caminar, encontrar y dialogar, entrelazados con la experiencia, hacen de la extensión universitaria una trama viva de colectividad y transformación.

Palabras clave: Extensión sentipensante. Diálogo de saberes. Transformación social.

para abrir caminho

Esta narração é continuação de outra... são três textos que formam a trama de uma extensão sentipensante. Os fios que tecem essa trama são pensamentos que surgem da experiência que nos acontece quando estamos caminhando à deriva, pelas ruas e servidões do Vale do Carangola, um bairro de classes populares na cidade de Petrópolis, no Rio de Janeiro. Quando estamos caminhando, somos afetadas pelo que vai nos acontecendo pelo caminho e vão nascendo, como um rio, desassossegos – mas o que fazer com tanto desassossego?

O que fazer quando tantos outros mundos possíveis são desvelados, desconstruindo a ilusão de um mundo mono? Esse mundo, que como fala Rufino (2019), está montado em nós, como um carrego. Esse carrego que reproduz essa educação/formação colonialista, que amarra nossas vidas nesse projeto de modernidade tacanha. Esse projeto assentado no extermínio de gentes, culturas, epistemologias, experiências, histórias, visões de mundo, corações e corpos. O que fazer?

*Escrevo. E pronto.
Escrevo porque preciso,
preciso porque estou tonto.*

(Paulo Leminsky – Razão de Ser)

O primeiro texto se chama: *narrativas de uma extensão sentipensante: quando caminhamos nessa deriva, acontece o amor* e está publicado no v. 23, n. 2 (2024), da revista *Em Extensão*⁷. Nele, contamos sobre o *estar à deriva* e sobre o *amor que acontece* quando nos colocamos nessa condição e acontecem os encontros e as interações recorrentes.

Neste texto, vamos trazer um canto *ao caminhar, ao encontrar e ao dialogar*. Enquanto isso, o terceiro texto está em movimento e será publicado na edição do final de 2025, em que contaremos sobre *a experiência, o paradigma indiciário e o sentipensante*.

Como no primeiro texto e em outros que já tecemos, para abrir caminho, valem algumas palavras que chegam antes... é como um ponto para abrir a gira e começar a envolver quem lê.

O texto é vivo, tem movimentos e vem comunicar pensamentos que escorrem do coração...

*Laroïê Exu!*⁸ Faz um tempo que meus caminhos na pesquisa de uma extensão sentipensante vêm confluindo (Nego Bispo, em *Confluências* [...], 2021) com outros jeitos de sentir, pensar e entender o mundo. Pensamentos que se misturam, que se fortalecem e que vão riscando caminhos. As conversas com *Zé Malandro*, na Gira de *Exu*, no Terreiro de Umbanda Aldeia do Cacique Ubirajara Peito de Aço, em Petrópolis, e com *Mãe Sirlei de Iemanjá*, do Terreiro de Umbanda Cantinho da Vovó Maria Conga, em Búzios... abriram o caminho para a chegaça de algumas Encantadas e Encantados na trama. Nessa gira, *Exu* pulou na frente reivindicando o Ori desta narração.

Nas tradições afro-brasileiras, o Axé é um conceito profundo e multifacetado. É sentido e entendido como a energia vital, ele permeia tudo o que existe e sustenta a vida em sua totalidade. Ele é vivo, mutável e se manifesta em todos os aspectos do universo – nas gentes todas, na natureza, nos objetos, nas palavras, nos movimentos, nos afetos e nos rituais.

Se o Axé é energia vital, na perspectiva da extensão sentipensante, ele emerge nos encontros. Ele é a força vital que tece, movimenta e transforma, ele se manifesta no olhar

⁷ O artigo pode ser acessado em: <https://seer.ufu.br/index.php/revextensao/article/view/74726/40175>.

⁸ Saudação ao Orixá Exu, que significa “Salve Exu”.

que acolhe, na escuta que legitima e na palavra que fortalece. Ele é o que dá sentido à ação, é a energia que flui entre as pessoas, os saberes e o território, sustentando o diálogo e o aprendizado coletivo. Na extensão sentipensante, o Axé está na força que rompe hierarquias entre o saber acadêmico e o saber popular, criando espaços de diálogo que transformam tanto a extensionista quanto a comunidade.

O Axé da extensão sentipensante transforma porque une: une o sentir ao pensar, o saber ao fazer, o passado ao futuro. Ele é também resistência. Ele é a energia que sustenta as lutas diárias das comunidades e a prática da extensão como um ato político.

A extensão sentipensante é um movimento de semear e devolver Axé, de transformar sem violentar, de aprender enquanto ensina. É essa tessitura de experiências, saberes, afetos, gentes, territórios; ela acontece de forma viva, dinâmica, polifônica e por muitas mãos, muitos corações, muitas bocas, muitos olhares, muitos ouvidos, muitos corpos.

Trazer o Axé e os Orixás para essa conversa é também dialogar com a sabedoria ancestral que se manifesta na miudeza da vida. Como diria Nêgo Bispo (2023), são os saberes orgânicos confluindo com os saberes sintéticos e produzindo outros saberes, que vêm da experiência e dos afetamentos que me acontecem.

São muitas vozes...

Vem as vozes das gentes do Vale do Carangola, essas vozes que contam os encantes e desencantes de lá, um lugar que já foi Sertão e agora é Vale. São trechos extraídos de meu *Diário de Sentimentos de Campo*, que não foi publicado e onde registro os meus sertões... *nonada, o senhor sabe, sertão é dentro da gente, o sertão é do tamanho do mundo*⁹.

Vêm as vozes das extensionistas... Rufino (2019) fala que *Exu* nasceu antes que a própria mãe e é bem assim, o movimento começa antes mesmo de nos sabermos nele. Quando eu ainda era criança, ouvi Bob Dylan e não deixei mais de ouvir. Outro dia, uma canção veio e riscou caminho... *A Hard Rain's A-Gonna Fall* (2016).

Era uma manhã fria de um dia qualquer e o pensamento vagava por caminhos desassossegados e a música entrou... como Manoel de Barros, fotografei o vagar perdido, mas com trilha sonora. Na canção, uma mãe pergunta para seu filho: “Oh, where have you been, my blue-eyed son? Oh, where have you been, my darling young one?”, “Oh, what did you see, my blue-eyed son? Oh, what did you see, my darling young one?”,

⁹ Frases do Grande Sertão: Veredas, de Guimarães Rosa (2015), juntadas livremente.

“And what did you hear, my blue-eyed son? And what did you hear, my darling young one?”, “Oh, who did you meet, my blue-eyed son? Who did you meet, my darling young one?” e “Oh, what'll you do now, my blue-eyed son? Oh, what'll you do now, my darling young one?”.

Foi como uma epifania,

*Era uma revelação
E era também um segredo
Era sem explicação
Sem palavras e sem medo*

(Chico César – Experiência)

e a narração foi pegando forma e perguntei para as extensionistas que caminhavam pelas ruas e servidões do Vale do Carangola: “*oh, extensionista... por onde você caminhou?*”, “*oh, extensionista... o que você viu?*”, “*e o que você ouviu, extensionista?*”, “*oh, extensionista... quem ou o que você encontrou?*”, “*oh, extensionista... o que você sentiu?*”, “*e o que você vai fazer agora... extensionista?*”.

Mas, ao contrário do bardo, que canta o mundo com um coração pesaroso, as extensionistas o cantam com um coração machucado pela dureza que viram, ouviram, encontraram, sentiram... mas cantam encantadas, um mundo com esperança e boniteza, ocultas nas dobras das gentes que conheciam.

Assim, o texto foi se formando, vivo, se entrelaçando com as vozes das extensionistas: *Ana Iasmin Rodrigues Bruno* – amazonense, mulher, cabocla, sonhadora, bolsista de Medicina em Petrópolis; *Iris Giglio* – estudante de Nutrição e sempre atenta às histórias que querem ser contadas, pretende contribuir para melhorar a experiência de viver das pessoas, tornando essa jornada mais agradável; *Mariana Innocencio* – trirriense, mulher, estudante de Medicina em Petrópolis; *Antonia* – carioca da gema, estudante de Medicina de Petrópolis, sensível, sobrevivente de violência doméstica e ativista; e *Rafaella* – mulher de 26 anos, feminista, extensionista, niteroiense, estudante de Medicina em Petrópolis, agitada, sonhadora, motivada, admiradora dos amigos e família.

São muitas vozes que dão forma e estrutura ao texto, é uma narração polifônica. As vozes das gentes do Vale do Carangola e das extensionistas estarão identificadas com a letra deitadinha, abraçadas pela { } e com o primeiro nome começando a fala. A essas vozes se juntam ainda poetas, músicos, as autoras e os autores com quem dialogamos para pensar esse jeito de fazer extensão. Que, como fala Gleicielly Zopelaro Braga, outra voz

presente nesta narração polifônica, “uma extensão de encantarias e afeto. A extensão como uma prática que envolve principalmente a escuta. Uma prática que caminha em diálogo, abraçando o saber acadêmico e o saber popular, em um encontro que floresce no chão fértil da comunidade. Uma extensão que é sobre aprender a entender, interagir e coabitar o mundo ao nosso redor” (Tammela, [Diário de Sentimentos de Campo – Fala de Gleicielly Zopelaro Braga, em uma conversa, sobre esse jeito de fazer extensão]. Petrópolis, 2024. Não publicado).

Como anuncio no primeiro texto desta trama, o narrador sou eu... professor, arte-educador, extensionista sentipensante, pesquisador com os cotidianos. Escolho fazer essa contação na primeira pessoa do singular, mas quando o que conto acontece no coletivo, conto na primeira pessoa do plural. Todo o texto é político e traz em seu contexto um posicionamento ideológico. Por isso, escolho fazer essa contação observando a questão de gênero cuidadosamente: quando me refiro a uma fala minha, utilizo o gênero masculino; quando falo no coletivo de extensionistas que estão juntas nessa experiência, utilizo o gênero feminino, uma vez que a maioria das extensionistas do Projeto de Extensão Comunitária é composta por alunas; quando me refiro às pessoas que encontramos no caminho, utilizo uma forma neutra, como “gentes”, ou utilizo a palavra nos gêneros feminino e masculino; e, quando trago alguma fala de poeta, artista, autora ou autor, mantenho o texto no original.

“Com o senhor me ouvindo, eu deponho. Conto. Mas primeiro tenho de relatar um importante ensino que recebi (...)” (Rosa, 2015): todos os títulos estão em minúsculo. Assumo essa “transgressão” inspirado em bell hooks, que assinava seu nome em letras minúsculas, pois dizia que “o mais importante em meus livros é a substância e não quem eu sou” (Santana, 2009, on-line). Pensando assim, o título não é mais importante que seu conteúdo.

E já terminando esse ponto de abrir caminho, temos que falar do texto – sua estrutura, estética, estilo e as transgressões que assumo. No primeiro texto dessa trama, trouxemos Benjamin para situar o narrador como um contador de histórias, pois como ele disse: “o contador de histórias vai buscar a sua matéria à experiência, a própria ou as que lhe foram relatadas, e volta a transformar essa matéria em experiência” (2018, p. 144).

Agora, neste texto, trazemos Larrosa para a conversa. Ele nos provoca, dizendo que “todos aprendemos a escrever de um modo mecânico e padronizado, sem estilo próprio” (2003, p. 108).

O ensaísta prefere o caminho sinuoso, o que se adapta aos acidentes do terreno. Às vezes, o ensaio é também uma figura de desvio, de rodeio, de divagação ou de extravagância. Por isso, seu traçado se adapta ao humor do caminhante, à sua curiosidade, ao seu deixar-se levar pelo que lhe vem ao encontro. O ensaio é, também, sem dúvida, uma figura do caminho da exploração, do caminho que se abre ao tempo em que se caminha. Como nos versos de Antônio Machado: “caminhante não há caminho senão estrelas no mar. Caminhante, não há caminho, o caminho se faz ao caminhar”. Digamos que o ensaísta não sabe bem o que busca, o que quer, aonde vai. Descobre tudo isso à medida que anda. Por isso, o ensaísta é aquele que ensaia, para quem o caminho e o método são propriamente ensaio (Larrosa, 2003, p. 112).

Larrosa faz uma crítica aos textos acadêmicos e risca o “ensaio” como uma forma de escrever o conhecimento com paixão. Não sei se podemos considerar essa narração como um ensaio, mas me senti confortável com sua fala.

Nesse caminho, convido vocês a uma jornada íntima e reflexiva, em que a linearidade cede lugar à descoberta constante. Cada desvio no texto não é apenas um caminho de quem narra, mas uma estrada sensível que a leitora e o leitor percorrem com seu próprio sentir e pensar. Nessa travessia, a subjetividade do narrador, no caso, eu, ressoa com as vivências de quem lê, criando um espaço onde experiências se entrelaçam e novas percepções emergem. Esse movimento, pulsante e dinâmico, nos lembra que aprender e refletir são processos sempre em construção, onde o começo e o meio se entrelaçam em um ciclo contínuo.

*Essa terra é muito firme
Esse gongá tem segurança
Na porteira tem vigia, à meia-noite o galo canta¹⁰*

Por fim, assim como o texto, a experiência não é linear, é cíclica e contínua. “Nós somos o começo, o meio e o começo. [...] Nossas trajetórias nos movem” (Somos, 2023). A gira está aberta...

“Só é possível dizer o caminho depois da caminhada. Depois da jornada, entretanto, a *picada* é outra. Há o itinerário da experiência e o percurso da memória – são sendas distintas e embaralhadas. Há perguntas que

¹⁰ Ponto de Exu, para abrir a Gira, firmando a segurança e a energia do terreiro. É um ponto de fundamento e de proteção. A *porteira* e o *galo*, traz a ideia de vigilância e transição, proteção do espaço sagrado.

me faço depois da encruzilhada, não porque é mais seguro, mas por ser imperativo seguir pela estrada. Qual é o chão onde gravita meu pensamento? Se adentro, com tibia alegria, as Veredas do Sol, é porque a tensão da Encruzilhada cravou em minha carne seus dentes e garras. Deixou-me mais atento e aberto. Desperto e amoroso como cabe a um viajante à deriva” (Eduardo Oliveira).¹¹

o caminho antes dos primeiros passos

Caminhar é movimento. Quando os pés pisam no chão do Vale do Carangola, levantam poeira... a poeira depositada nas ruas e a poeira depositada no avesso de cada extensionista que caminha junto. Caminhar é ação que não termina, mesmo que os caminhos nos levem a lugares que, *aparentemente*, não têm saída. Caminhar é [se] encontrar [n]as encruzilhadas, lugar onde se decide qual caminho seguir, seja nas ruas e servidões do Vale do Carangola ou na vida. A vida é sempre uma encruzilhada, uma encruza de caminhos, uma encruza de escolhas.

Laroîê Exu!

*Exu Capela, guardião da encruzilhada,
toma conta, presta conta, no romper da madrugada! (2x)
ô na beirada do caminho,
esse congá tem segurança!
Exu Capela é meu vigia, deu meia-noite, o galo canta!*¹²

As ruas e as encruzilhadas são lugares de passagem, de encontro, de decisão... são lugares das incertezas e da imprevisibilidade. *Exu* é o Orixá das ruas e das encruzadas, do movimento e da comunicação. Quando caminhamos pelas ruas e servidões do Vale do Carangola, caminhamos nos passos de *Exu*. Cada passo é uma dança com o desconhecido, um diálogo com o que é visível e com o que não vemos. *Exu* nos ensina a abraçar as incertezas e a encontrar sabedoria nos encontros mais inesperados. Ele é o guardião dos caminhos, o que abre portas e nos guia através dos labirintos da vida, lembrando-nos de que o movimento, o diálogo e a transformação são partes essenciais da jornada extensionista.

¹¹ Primeiro parágrafo do artigo “Território de ancestralidades: derivas e quintais”, de Eduardo de Oliveira, publicado na revista Cult, ano 24, em julho de 2021, edição 271.

¹² Ponto de *Exu Capela*, cantado na Gira de *Exu*, na Umbanda (Pontos, 2021).

Quando caminhamos pelas ruas e servidões do Vale do Carangola, moldamos espaços, tecemos lugares, inventamos o presente.

Meus pés caminharam por muitos lugares, mas em alguns, apesar das minhas pegadas já terem desaparecido por lá, em mim, as marcas permaneceram e vêm constituindo o homem, o professorextensionistapesquisador¹³ que venho me formando (ou desformando?).

Compreendi, olhando para o meu caminhar, que me pus no caminho antes de aprender a dar os primeiros passos porque é assim: a gente aprende a caminhar no caminho. Vou ousar dizer que o caminho é a vida e o meu caminhar é a minha forma de existir.

*Orô oriki
Tempo
Mojubá
Orixá Iroko
Você é meu caminho
(Serena Assumpção)*
*Compositor de destinos
Tambor de todos os ritmos
Tempo, tempo, tempo, tempo
(...)
Por seres tão inventivo
E pareceres contínuo
Tempo, tempo, tempo, tempo
(Caetano Veloso)¹⁴*

Caminhar é ato antigo, vem dos povos que primeiro habitavam tudo aqui. Mas suas histórias contam que, antes ainda, os encantados¹⁵ caminharam e desenharam o mundo, “o caminhar produz lugares” (Careri, 2013, p. 51).

Boaventura fala que, na modernidade, “a versão abreviada do mundo foi tornada possível por uma concepção do tempo presente que o reduz a um instante fugaz entre o que já não é e o que ainda não é” (Santos, 2002, p. 245). Com *Iroko*, os tempos se misturam em diferentes temporalidades, se entrelaçam e ganham sentido – o tempo antigo e o tempo presente, de vida, das experiências das gentes que contam.

Esse caminhar extensionista, como um jeito de fazer uma extensão sentipensante...

¹³ Não, não é um erro de digitação, é um jeito de dizer que sou isso misturado e tudo no mesmo momento.

¹⁴ Ambas as letras, de Serena Assumpção (*Iroko*) e de Caetano Veloso (*Oração ao Tempo*), cantam o Orixá Iroko, guardião do tempo, da ancestralidade.

¹⁵ Os que vêm antes dos que primeiro habitavam tudo aqui.

Nesse jeito de fazer extensão, caminhamos devagar, pois assim adiamos o fim do dia. Caminhamos expandindo o presente, como um tempo contínuo. O futuro é um porvir qualquer, não importa qual seja, e, pensando com *Exú*, já está sendo tecido quando caminhamos e inventamos o presente... Quando caminhamos, somos movimento, para “apostar nas outras formas possíveis, navegar na espiral do tempo” (Simas; Rufino, 2019, p. 41).

Caminhamos à deriva, sem ter *a priori* um percurso ou um local onde chegar. Os caminhos vão se fazendo no curso do que nos acontece e nos afeta. São tecidos na trama do cotidiano, “a miudeza do cotidiano, em que a vida não para” (Simas, 2021, p. 91). Caminhamos para nos encantarmos com o que vamos apanhando no percurso. Somos atravessadas por pessoas, objetos, cores, sons, cheiros, sentimentos, sensações... caminhamos à deriva por lugares onde a história não foi contada, “áreas esquecidas que formam o negativo da cidade contemporânea, que contém em si mesmas a dupla essência de refugo e de recurso” (Careri, 2017, p. 15).

Caminhar à deriva não significa caminhar perdida, sem rumo... caminhamos no rumo riscado pelos cotidianos das gentes que habitam os lugares onde escolhemos caminhar. Nos colocar em estado de *deriva* é nos colocar como sujeitas abertas, expostas, território sensível, passivo, “porém, de uma passividade anterior à oposição entre ativo e passivo, de uma passividade feita de paixão, de padecimento, de paciência, de atenção” (Larrosa Bondía, 2002, p. 24).

Quando caminhamos à deriva, nos colocamos a possibilidade do encontro – o encontro com o meio, o encontro com a outra, o encontro com o outro, o encontro com o cotidiano, o encontro comigo mesmo. Ferraço nos fala que “estamos sempre em busca de nós mesmos, de nossas histórias de vida, de nossos ‘lugares’ [...], estamos sempre retornando a esses nossos ‘lugares’ (Lefebvre), ‘entrelugares’ (Bhabha), ‘não-lugares’ (Augé), de onde, de fato, nunca saímos” (2003, p. 158).

Quando há o encontro, ele me acontece e ele me afeta, provoca interações e transformações, e isso acontece porque somos essas gentes inconclusas que Paulo Freire fala (2020). Me compreendendo como um ser inacabado, em constante transformação, entendo o que Maturana diz quando considera que nossa vida é “uma deriva de mudança estrutural contingente com nossas interações” (2006, p. 82). Com os encontros que nos acontecem quando nos colocamos à deriva no caminho, “organismo e meio vão mudando

juntos, uma vez que se desliza na vida em congruência com o meio” (Maturana, 2006, p. 80)¹⁶.

Se o caminhar é uma forma de existir, é nossa experiência na vida, o parar é o refletir sobre essa experiência e como ela nos afeta. É o olhar para trás e, inspirado pela interpretação de Benjamin (1987) sobre o *Angelus Novus* de Klee, como o Anjo da História, olhar o caminho percorrido. Mas, em outro tempo e lugar, vejo diferente de Benjamin, vejo com olhos de Guimarães Rosa: “Mire veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam” (Rosa, 2015, p. 31).

Na extensão sentipensante, o ato de caminhar traça a enunciação do compromisso. O caminhar comprometido com a luta das gentes com quem a extensionista aprende.

oh, extensionista... por onde você caminhou?

{Ana Iasmin – *passei por resquícios de arquitetura imperial. / Subi, desci, subi... / Caminhei pelos olhares curiosos, cativantes e pelas histórias, pelas vidas*}, {Antonia – *por casas engracadas sem muita assimetria e ruas de terra*}, {Mariana – *caminhei pelo Vale do Carangola, um lugar onde cada passo conta uma história, as ruas são estreitas e as casas simples, mas o calor humano é intenso. / Caminhei em um ambiente de respeito e união. / Caminhei onde todos se conhecem e se chamam pelo nome*}, {Iris – *por um lugar repleto de histórias e cercado por pessoas de bom coração, carregando consigo recordações e memórias, boas e ruínas. / Por histórias de luta e resistência*}}.

Caminhamos por ruas e lugares invisíveis, por cidades invisíveis, que não existem nas narrativas oficiais. Atravessamos e somos atravessadas pelo cotidiano das classes populares, os condenados e condenadas da terra, os demitidos e demitidas da vida. Esse cotidiano, que Regina Leite Garcia nos fala, que assusta, dá medo, fascina...

Há quem se assuste, há quem fique intrigado, há quem morra de medo e há também os afortunados, eu diria, modestamente, mais afortunadas do que afortunados, que ficam absolutamente fascinadas com o misterioso cotidiano, que vive a nos revelar em suas dobras que, ao se

¹⁶ Converso sobre o caminhar à deriva e se colocar à deriva na vida e na extensão sentipensante no primeiro artigo desta série, publicado em dezembro de 2024.

desdobrar, deixa aparecer o que estava escondido e que à primeira vista não aparecia (Garcia, 2003, p. 193).

Quando caminhamos à deriva pelos cotidianos dessas gentes, gentes com quem escolhemos nos comprometer, a dúvida faz trama em nosso método. As certezas com que fomos formadas, essa nossa formação disciplinar, cartesiana, colonialista, não dá conta do que vemos, do que ouvimos, do que sentimos na pele – de fora e no avesso. {Rafaella – *Caminhei por escolas repletas de sonhos e sorrisos, por servidões carregadas de histórias e esperança, por lojas cheias de afeto e expectativas, por casas erguidas a partir da resiliência e superação*}. Caminhei pelas lembranças, angústias, alegrias, desabafos, conquistas e vidas dos moradores do Vale. Os cotidianos dessas gentes nos ensinam que o que supomos que vemos é apenas o que queremos ver ou o que fomos instados a ver. É *Exu* embaralhando tudo e nos mostrando outras possibilidades – aquilo que era já não é mais e o que a gente agora acha que é, pode não ser, porque o conhecimento é movimento e vai tecendo suas tramas a partir dos encontros e das interações recorrentes que acontecem. É *Exu* abrindo caminhos para diferentes mundos e nos provocando a transitar entre eles, sentindo esse fluxo de experiências, histórias, sentimentos, conhecimentos. Pensando com *Exu*, ele nos ensina a importância de estarmos abertas, expostas, ouvindo as tantas vozes e experiências das gentes que encontramos ao longo do caminho.

Nosso caminhar risca trajetória nas ruas e servidões do Vale do Carangola, que um dia foi Sertão do Carangola e, antes ainda, foi Saudades do Sertão... {Paulo e Luiza – *sempre foi Sertão, era fazenda Saudades do Sertão, mas aqui ficou Sertão, era sempre Sertão do Carangola... aqui é o final do Carangola, por isso que era Sertão do Carangola...*}.

“A casa de Angela fica na ponta de uma servidão estreita e nesse trecho não chega carro. Sua casa é baixa e comprida. O muro é alto e, como o telhado é baixo, os dois se encontram. O muro já teve muitas cores desde que começamos a caminhar por lá. Em dias de hoje, ele é azul (Angela gosta muito da cor azul). As casas no entorno são bem singulares, construções que vão se expandindo, desenhando formas disformes no espaço urbano. Construções projetadas na resistência e na resiliência, construídas por gentes que transformam os materiais disponíveis em arquiteturas únicas” (Tammela, [Diário de Sentimentos de Campo]. Petrópolis, 2021. Não publicado).

Caminhamos por formas que desenham uma estética viva, afetiva e política, que reinventa o conceito de beleza e função. Caminhamos por formas que transgridem os

padrões impostos, normatizados a partir do conceito de uma urbanização colonialista. Uma estética tecida com as narrativas de pertencimento, expressas nas cores, nas formas improvisadas, nos ornamentos, que refletem valores e tradições. Espaços vividos, onde as memórias e os sonhos das gentes que habitam ali se misturam aos materiais utilizados e reutilizados.

oh, extensionista... o que você viu?

{Antonia – vergonha, fome, comunidade e companheirismo}, {Mariana – vi as dificuldades / vi pessoas com bom coração / vi a força para enfrentar os desafios da vida / vi abrigo para os que buscam um sorriso}, {Rafaella – Vi desafios cotidianos, negligência, resistência, Angela, lideranças, afeto e acolhimento. Vi o olhar de esperança por novos dias, vi alegria em meio à escassez e vi a gratidão por tê-los escutado}.

O colonialismo vai amarrando a vida das gentes das classes populares, criando narrativas onde essas gentes são menos, roubando delas sua dimensão humana, tornando-as coisas. “Era uma manhã de final de ano e a gente conversava com algumas profissionais de um equipamento público. A gente falava sobre algumas crianças que estavam em situação de insegurança alimentar, para pensarmos uma rede de proteção, e a profissional começou a rir e debochar da mãe de uma delas, dizendo que ela era preguiçosa, que preferia ficar na rua do que cuidando da criança em casa. Aquilo revoltou a gente e discutimos com a pessoa, exigindo respeito. Fomos embora e algumas lideranças cobraram do Secretário Municipal uma atitude” (Tammela, [Diário de Sentimentos de Campo]. Petrópolis, 2023. Não publicado). Nas narrativas coloniais, as gentes das classes populares são usuárias (do serviço público), marginais, carentes, drogadas, fracassadas, preguiçosas, pobres, coitadas... e é assim que vão desenhando uma verdade que depois vai justificar a violência promovida pelo estado¹⁷. E essa narrativa manipulada e falsa é repetida nos meios de comunicação e nos discursos oficiais. {Angela – era o Sertãozinho, era Saudades do Sertão e depois foi Sertão do Carangola e hoje em dia é Vale do Carangola. Eu e Jesus que botamos esse nome, nós fizemos a lei, foi aprovada e hoje é o Vale do Carangola... era muito manjado, para ver se mudava... porque algumas pessoas

¹⁷ Além das atuações das polícias, essa violência se manifesta também na ausência de políticas públicas e redes de cuidado, assim como na atitude, postura e ação de profissionais de diferentes equipamentos públicos instalados nos territórios – escolas, unidades de saúde, unidades de assistência social etc.

*iam à avenida pedir emprego e a porta não abria e nós falamos: será que é o nome do bairro ou são algumas pessoas?}. Quando vivemos em seus cotidianos, as verdades são desveladas... encontramos uma gente que insiste em resistir às diferentes faces da violência, que resiste à fome, que resiste às ausências e traça caminhos para sobreviver e ser mais. Uma gente que, como diz Krenak (2022), crava a estaca em seu chão, fazendo de seu terreiro o centro do mundo. Encontramos uma gente que, diante das situações limite que vão atravessando seus caminhos, riscam seus inéditos viáveis (Freire, 2020). {Ana Iasmin – *vi a esperança e a desesperança / vi a mulher, as mulheres e suas forças / vi a história sendo contada pelo olhar / vi a incessante busca pelo bem comum*}, {Iris – *vi o brilho nos olhos dos moradores, carregados de esperança / vi a fome e a miséria / vi a ausência de direitos básicos*}.*

e o que você ouviu, extensionista?

Pensar uma extensão sentipensante, é pensar a escuta como uma gira, onde múltiplas vozes e energias, com suas histórias, suas experiências, se encontram, se afetam e se transformam mutuamente, complementando-se na construção de um saber que é, ao mesmo tempo, racional e sensível, individual e coletivo, sintético e orgânico¹⁸.

Na perspectiva da extensão sentipensante, a escuta não é apenas uma habilidade técnica ou funcional, mas um ato profundo de relação, de disponibilidade, de abertura à outra e ao outro, de se colocar exposta em toda nossa vulnerabilidade, nossa receptividade, em nossa passividade. A extensão sentipensante nos ajuda a refletir sobre como diferentes jeitos de escuta podem mediar encontros, provocar diálogos, envolver saberes e fomentar aprendizagens com as gentes com quem nos comprometemos e nos envolvemos, quando caminhamos pelas ruas e servidões do Vale do Carangola.

{Antonia – *Ouvi pessoas com vergonha de contar que passaram fome, como se, de alguma forma, fosse culpa delas*}, {Rafaella – *Ouvi memórias de tempos alegres e melancólicos. Ouvi expectativas para projetos futuros. Ouvi as angústias. Ouvi os olhares. Ouvi as vidas daquele lugar. Ouvi quando não precisava ser dito* }.

Quando entramos nessa gira, somos essa extensionista que, com *Exu*, reconhece a pluralidade de histórias, afetos e culturas. Exercitamos a escuta inquieta, criativa, que tece

¹⁸ Para Nêgo Bispo, o saber sintético corresponde ao saber acadêmico e o saber orgânico ao saber popular, ancestral, tradicional, que vem dos povos, dos coletivos e comunidades.

mundos e se abre para a emergência de novos sentidos. Somos essa extensionista que não julga, mas que abre caminhos, acolhendo a diversidade de vozes e contextos. Com *Oxóssi*, somos a extensionista que tem a escuta investigativa, que silencia e está atenta a tudo que acompanha a fala das gentes com quem dialoga, ao que não é dito de maneira óbvia, mas se revela nos detalhes, no silêncio do caminho, valorizando o saber que vem da experiência. Com *Oxum*, somos a extensionista com a escuta afetiva, que acolhe. A escuta que tece redes e cuida. Somos a extensionista que aprende a partir do encontro. Com *Iemanjá*, somos a extensionista que tem a escuta profunda e transformadora. A extensionista que acolhe o coletivo e observa as várias dimensões das gentes com quem dialoga. Somos a extensionista que se transforma quando escuta, assim como quem é escutada e escutado também se transforma. Com *Nanã*, somos a extensionista que escuta com paciência, pois é toda a ancestralidade que fala. Somos a extensionista que respeita o tempo de cada gente, de todas as gentes, e o tempo de amadurecer do conhecimento.

{Ana Iasmin – *Ouvi dor, alegria, descaso, esperança, busca / ouvi o passado e o futuro se entrelaçando / ouvi as entrelinhas e o silêncio!* }.

Pensando com Paulo Freire (2020), será com uma escuta como abertura ao diálogo e mediação de saberes, com uma escuta investigativa e atenta ao território, com uma escuta afetiva e acolhedora, com uma escuta profunda e transformadora e com uma escuta ancestral e paciente que a extensionista sentipensante vai conseguir organizar sua ação de extensão, “a partir da situação presente, existencial, concreta, refletindo o conjunto de aspirações do povo” (Freire, 2020, p. 119). Para a extensionista sentipensante, a ação de extensão não é uma doação, uma imposição ou uma proposição, mas uma prática libertadora que incide sobre a realidade para transformá-la. Uma ação construída e realizada coletivamente, com as gentes com quem nos comprometemos, nunca para elas ou por elas. Para a extensionista sentipensante, a ação de extensão é a devolução organizada e sentipensada, às gentes do Vale do Carangola, de tudo que elas nos entregaram quando as escutamos, nesse jeito de escutar.

oh, extensionista... quem ou o que você encontrou?

{Ana Iasmin – *Encontrei o Vale do Carangola, que respira, acorda, se alimenta, estuda, sofre, ri com as coisas boas e as ruins também!* }, {Antonia – *Encontrei pessoas fortes e, apesar de tudo, felizes.* }, {Íris – *Encontrei Dona Ângela, mulher preta, com seus*

70 anos... marcou minha trajetória no Vale desde o primeiro encontro. Guerreira e batalhadora, a palavra que melhor a define é “justiça”, que parece ser a missão de sua vida. Encontrei pessoas que compartilharam suas lembranças, dores, necessidades e vontades. Encontrei um ambiente onde os moradores se sentiam à vontade para compartilhar suas demandas. Encontrei gentes que necessitam de atenção. }, { Mariana – Encontrei pessoas com corações bons e uma força admirável para enfrentar os desafios da vida. Encontrei Dona Ângela, um verdadeiro símbolo da comunidade. Sua simpatia é encantadora, e sua simplicidade, um abrigo para os que buscam um sorriso. }, { Rafaella – Encontrei crianças felizes e criativas que sempre anseiam pelo nosso retorno. Encontrei mulheres que tomam conta da casa, dos filhos, dos familiares, dos cachorros e ainda trabalham e estudam. Encontrei Ângela e sua família, que nos receberam como se fossemos de casa. Encontrei seu Chico, de 93 anos, que mora sozinho em meio às dificuldades do dia a dia. Encontrei força, por um futuro mais justo}. Encontrei “uma gente que ri quando deve chorar e não vive, apenas aguenta”¹⁹. Encontrei mulheres que não podem trabalhar porque não têm vaga na creche para seus filhos e suas filhas. Encontrei crianças brincantes e felizes. Encontrei anciãs e anciãos em busca de uma escuta para suas histórias, que se confundem com a história do Vale do Carangola, que um dia foi Sertão e, ainda hoje, é saudade²⁰. Encontrei amorosidade derramada nos sorrisos das gentes que encontro nas encruzilhadas do cotidiano. Encontrei gentes com fome. Encontrei gentes trabalhadoras. Encontrei gentes guerreiras. Encontrei gentes que enfrentam as violências vividas no dia e na noite. Encontrei gentes declaradas ninguém. Encontrei poetas que escrevem suas poesias em pedaços de papel de rua. Encontrei pastores e mães de santo. Encontrei fiéis e filhas de santo. Encontrei festa e encontrei velório. Encontrei gentes pobres. Encontrei gentes que catam do lixo e que refletem sobre a igualdade. Encontrei palavras que abraçam²¹. Encontrei a ausência e fotografei. Encontrei o esperançar e fotografei. Encontrei jovens que constroem seus sonhos pelo transverso. Encontrei jovens que tropeçam no transverso. Encontrei jovens sem sonhos no transverso. Encontrei mães desoladas com suas filhas e filhos presos. Encontrei avós que criaram suas filhas e agora criam suas netas. Encontrei gentes encostadas “na tarde,

¹⁹ Trecho da letra da música “Maria Maria”, de Milton Nascimento e Fernando Brant.

²⁰ O Vale do Carangola era Sertão do Carangola, mas, antes ainda, se chamava Saudades do Sertão.

²¹ Quando caminhamo pelo Vale do Carangola, registro o percurso em um aplicativo de mapa. Quando encontro uma pessoa, peço uma palavra e a registro no ponto exato onde aconteceu o encontro. É uma produção que continua acontecendo e que será inspiração para outras narrações.

como se a tarde fosse um poste”²². Encontrei uma manhã vazia de gentes nas ruas. Encontrei um final de tarde vazio de gentes nas casas. Encontrei sentimento. Encontrei o sol escondido em minhas dobras. Encontrei o sagrado espalhado nas ruas, servidões e encruzilhadas por onde risquei caminho. Encontrei Ifá em cortejo contatório de histórias, acompanhado de seus dezesseis Odus²³. Encontrei o feminino. Encontrei o masculino. Encontrei a experiência nas linhas esculpidas pelos dias e pelas noites, nos rostos e nas mãos das gentes que cruzei. Encontrei o sentido nas linhas desenhadas pelo tempo nos rostos e mãos das gentes com quem caminhei. Me encontrei.

oh, extensionista... o que você sentiu?

Paulo Freire nos fala que “educar é um ato de amor” (2020). Somos seres vinculares e a vida não se sustenta fora das nossas redes de vínculo. Precisamos de todas as gentes para seguir, não em uma relação de dependência, mas em uma relação de invenção coletiva do presente.

{Iris – *Me senti acolhida tanto pelas pessoas que me guiaram quanto pelas pessoas que encontrei na comunidade. Me senti aberta para a construção dessa relação de confiança. Senti que conseguimos cultivar uma interação amigável e respeitosa*}, {Rafaella – *Senti indignação diante de um ambiente marcado pela negligência. Senti impotência. Senti tristeza em ver a realidade que não nos mostram. Senti raiva. Senti o acolhimento e o afeto das crianças e moradores. Senti, no fundo, esperança. Senti gratidão por aprender a ver a vida por uma nova perspectiva*}.

A modernidade nos faz acreditar que é possível sermos sozinhos e sozinhas, que nos bastamos e que a outra ou o outro disputa comigo o futuro. Desde pequenas, na escola, as crianças são treinadas para a competição... aconteceu conosco, fomos e somos ranqueadas e ranqueados pelas notas que alcançamos após um esforço que é sempre individual e, se as notas eram abaixo de alguma média estabelecida, fracassávamos.

No primeiro texto desta trama, falamos que, quando nos colocamos à deriva, acontecem os encontros, acontece o amor²⁴. A extensionista sentipensante, quando

²² Um verso de Manoel de Barros.

²³ Para o povo Iorubá, Ifá é o Orixá do destino, “o mestre do acontecer da vida, e os Odus trabalhavam para ele” (Prandi, 2022, p. 17).

²⁴ “narrativas de uma extensão sentipensante: quando caminhamos nessa deriva, acontece o amor”, publicado no v. 23, n. 2 (2024), da Revista Em Extensão. Pode ser acessado em: <https://seer.ufu.br/index.php/revextensao/article/view/74726/40175>.

caminha pelas ruas, servidões e encruzilhadas do Vale do Carangola, atravessa e é atravessada pelo cotidiano das gentes que coabitam o espaço. {Antonia – *Senti ódio na sua forma mais pura, indignação, aquelas pessoas não merecem isso*}. Esse cotidiano que transborda afetos, desvela mundos e desenha sentidos, escancara os fracassos da modernidade e dissolve a ilusão de um futuro que só existe para alguns e algumas. Esse cotidiano nos acontece e nos afeta, e os sentimentos fluem, como um rio. São rios que nascem na experiência de cada extensionista e confluem, formando compreenderes e conhecimentos elaborados coletivamente.

Quando caminhamos pelas ruas e servidões do Vale do Carangola, o sentir é parte do pensar, mas não como parte separável ou que acontece em uma lógica linear – isso antes e aquilo depois. O sentir é parte do pensar e o pensar é parte do sentir, de forma indissociável, de forma complexa, que não se pode determinar o que acontece antes ou depois, apenas acontece.

A compreensão do mundo apenas pela razão é essa locomotiva enlouquecida que rumava ao abismo, produtora de desencontros e distanciamentos. Essa visão que separa as gentes todas de todos os outros seres – biológicos ou não, encantados ou não, essa visão que nos coloca em categorias – os que fracassaram e os que tiveram sucesso, essa visão que nos nega como seres vinculares, seres fundamentados no amor, seres coletivos.

{Ana Iasmin – *Senti o calor humano, a vida com seus realces multicor! Senti a dor de uma mãe que não tem mais um filho e as consequências de um passado escravocrata. Senti o cansaço de conhecer e vivenciar esses realces.*}. “Só se pode viver perto de outro, e conhecer outra pessoa, sem o perigo de ódio, se a gente tem amor. Qualquer amor já é um pouquinho de saúde, um descanso na loucura” (Rosa, 2015).

A extensionista sentipensante, como *Oxum*, atua na sensibilidade e na empatia, ouve com o coração, acolhe e oferece seu abraço. A extensionista sentipensante, como *Iemanjá*, é paciente e cuida, tecendo uma rede de proteção. Está presente, recebe as dores e as alegrias.

e o que você vai fazer agora... extensionista?

{Ana Iasmin – *Olhar mais a fundo, questionar e me impor às injustiças. Ouvir, ouvir e ouvir. Refletir sobre o cuidar, o ser e o estar! Saborear a vida com o desejo e a sensação de que vivi e não passei pela vida sem me envolver, sem experienciar, sem*

saborear!}, {Rafaella – Fazer dos pensamentos e sentimentos... atitudes... não só em relação ao Vale do Carangola, mas na minha realidade. Entender que a extensão é transformadora, tanto para quem escuta quanto para quem é escutado. Questionar mais, ouvir mais, sentir mais, me entregar mais. E caminhar por mais Vales}.

Vou me comprometer... Pensar em uma extensão sentipensante, é pensar e fazer uma extensão comprometida. Comprometida com as lutas das gentes que encontramos quando caminhamos pelas ruas e servidões do Vale do Carangola, comprometida com as gentes que coabitam o espaço. Fals Borda (2015, p. 243) define compromisso como “la acción o la actitud del intelectual que, al tomar conciencia de su pertenencia a la sociedad y al mundo de su tiempo, renuncia a una posición de simple espectador y coloca su pensamiento o su arte al servicio de una causa”²⁵. Nessa gira, a extensionista comprometida não será aquela que propõe ou impõe, mas aquela que, sensível aos sinais recolhidos nos encontros e desencontros, nos encantos e desencantos, nos cantos, nas encruzias, nas falas e nos silêncios, nos movimentos e na escassez, nas ausências e nas presenças, consegue interpretá-los e, se sentindo pertencente àquela comunidade por vínculos afetivos e ao mundo de seu tempo, mas com o olhar de *Iroko*²⁶ sobre o tempo, coloca seus afetos e pensamentos a serviço das causas das gentes com quem se compromete. A ação extensionista é uma elaboração e uma execução coletiva, que envolve extensionistas e comunidade. Além disso, nasce desse compromisso e do diálogo que acontece.

Nessa perspectiva, é incapaz de uma extensão sentipensante aquela que não se expõe, “aquele a quem nada lhe passa, a quem nada lhe acontece, a quem nada lhe sucede, a quem nada o toca, nada lhe chega, nada o afeta, a quem nada o ameaça, a quem nada ocorre” (Larrosa Bondía, 2002, p. 25).

²⁵ “a ação ou a atitude do intelectual que, ao tomar consciência de seu pertencimento à sociedade e ao mundo de seu tempo, renuncia a uma posição de simples espectador e coloca seu pensamento ou sua arte a serviço de uma causa”. Tradução livre.

²⁶ Diferentemente de uma linha reta, uma sucessão linear de ventos, que vai do passado ao futuro, o tempo de *Iroko* é espiralado, sempre retornando às origens, mas trazendo consigo novas camadas de experiência e significado. Ele nos lembra que o presente é tecido a partir das histórias do passado, enquanto o futuro se constrói pelas ações e decisões de hoje. *Iroko*, o grande Orixá da árvore sagrada, representa a interseção entre o tempo passado, presente e futuro, simbolizando a continuidade e a perenidade da vida.

{Mariana – *Quero carregar essas experiências e compartilhar o que vivi. O Vale do Carangola, mais do que um bairro, é um exemplo de como a bondade, simplicidade e força das pessoas podem trazer mudança e luz para os caminhos mais difíceis* }.

LAROIÊ EXU! Vou caminhar pelas ruas e servidões do Vale do Carangola, pisando firme no chão... esse chão onde as histórias se entrelaçam e o tempo se faz em ciclos... esse chão que desenha linhas... as linhas que desenham as letras com que venho tecer essa narração... fios de afetos, fios de memória, fios de vida.

Se “os terreiros são invenções táticas e transgressivas que confrontam as lógicas de poder e dominação do Estado erguido nas vigas coloniais” (Rufino, 2024, p. 83), vou compreender o Vale do Carangola como um grande terreiro, onde o vento canta segredos e, o coração das gentes que encontro, são o tambor que faz a gira girar. Onde o tempo se dobra e o presente se faz encontro entre o que já foi e o que ainda será. Nesse terreiro, o corpo se torna luta e a palavra, quando nasce, vem embalada em força vital, em Axé. Terreiro é morada sem paredes, onde cada voz é uma centelha de sentido, onde *Exu* abre os caminhos para os Orixás riscarem destinos no invisível.

Nesse terreiro, tudo tem alma e tudo fala – as encantarias que se revelam no improviso das construções, a criatividade que transforma materiais simples em moradas, as paredes coloridas, as esquinas agitadas, os botequins e mercados onde se trocam mercadorias, sorrisos, olhares e afetos. O Terreiro Vale do Carangola vibra com a força das gentes que resistem, vivem e criam, como se cada casa fosse um gongá particular, onde se firmam afetos e se desenham sonhos.

Nesse terreiro, cada esquina é uma gira, onde os encontros acontecem, onde as histórias se cruzam e novos caminhos são riscados. *Exu* mora nesse terreiro, abrindo caminhos nas encruzilhadas, lembrando que viver é movimento, transformação e resistência.

ORA IÊ IÊ Ô!²⁷ *Oxum* flui nas mãos das mulheres que carregam o cuidado e o afeto, e nas lágrimas que lavam as dores e renovam as esperanças.

O Terreiro Vale do Carangola é um lugar de resistência e permanência. É espaço onde o tempo não corre apressado; ele caminha com as gentes, respeitando o ritmo de quem vive e constrói suas trajetórias.

Nesse terreiro, aprendemos a esperar, a escutar e a sentir o momento certo. Aprendemos ser um espaço de desencantos, mas que também é de encantos, como canta

²⁷ Saudação a Oxum.

o povo em suas histórias. Nesse terreiro, há desafios e dores, há o peso da desigualdade, mas há também o Axé das mãos que lutam, dos corpos que dançam e das vozes que entoam cantos de esperança.

Os terreiros são territórios de luta e de vida, onde o sagrado não está separado do cotidiano, mas se mistura com ele, transformando o ordinário em extraordinário. O terreiro é chão de criação, de ressignificação, de resistência.

Nesse terreiro, aprendemos que viver é uma gira contínua, onde o aprendizado nunca cessa, onde o amor e a luta andam de mãos dadas, e onde cada uma e cada um, com suas marcas no rosto e nas mãos, deixa um pouco de si no chão que pisa.

{Antonia – *Dar mais valor ao que eu tenho e continuar participando politicamente dos movimentos que acredito*}, {Iris – *Elaborar estratégias que contribuam para que a fome dessas famílias deixe de fazer parte de suas vidas, garantindo o direito à alimentação digna em qualidade e quantidades suficientes, garantido por lei a todos os cidadãos. Ouvir com atenção e empatia, pois é isso que a comunidade me ensina. Não podemos ter paz enquanto houver injustiça*}.

ÈRÒ!²⁸ Vou pensar o tempo como um rio que corre e retorna, que molda e transforma, mas nunca se perde. Na extensão sentipensante, o tempo não se resume ao que se mede, ao que se apresenta de forma linear, mas é aquilo que se vive, que se grava nas marcas do caminho que caminhamos.

OKÊ ARÔ!²⁹ Vou girar nesse terreiro atento às múltiplas vozes e às encantarias ocultas nas dobras do cotidiano das gentes que giram junto. Vou estar presente, vou estar aberto ao movimento contínuo do aprender. Vou caminhar com atenção e paciência, respeitando as forças que me cercam. Vou recolher e compreender os sinais e as pistas que eu encontrar pelo caminho.

Na extensão sentipensante, a extensionista é uma caçadora de conhecimentos, que não impõe os seus, mas escuta, observa e aprende com os saberes das gentes e dos lugares. Como caçadora, ela enxerga além do óbvio, valorizando os detalhes e os sentidos que emergem no encontro com os territórios e as gentes.

A extensão sentipensante pede um olhar que vai além do técnico: ela nos provoca a sentir e pensar, tudo junto e misturado, reconhecendo o território como espaço de aprendizado mútuo.

²⁸ Saudação a Iroko.

²⁹ Saudação a Oxóssi.

Na extensão sentipensante, a extensionista sabe que esses saberes que ela recolhe nos caminhos não precisam ser validados pelo acadêmico para terem valor. Em vez disso, ela dialoga, registra e fortalece esses conhecimentos, entendendo que o aprendizado surge do encontro e da convivência.

A extensão sentipensante é uma prática que não explora ou extrai saberes do território, mas que retribui, fortalecendo as comunidades e respeitando os ritmos e limites da natureza e das gentes. A extensão é um ato de cuidado com o que já existe.

Nessa perspectiva, a extensão é uma jornada compartilhada, em que a extensionista não apenas caminha, mas guia e protege, cuidando que o aprendizado seja uma troca verdadeira, onde todas saem transformadas.

Na extensão sentipensante, a extensionista é uma mediadora, alguém que não tem e não entrega respostas prontas, mas que cria espaços para o diálogo e para a construção coletiva de saberes. Assim como o caçador, que precisa conhecer bem a floresta para sobreviver nela, a extensionista precisa conhecer o território e respeitar suas complexidades para que a extensão seja, de fato, afetiva, significativa e libertadora.

caboclas e caboclos com quem dialogo

ASSUMPÇÃO, S. Iroko. YouTube, 2020. 5min25s. Disponível em:
https://youtu.be/YSG_4YI9AXA?si=uf6_LDnnvhMIYIeb. Acesso em: 30 abr. 2025.

BARROS, M. Menino do mato. *Vida Boa*, 2016. Disponível em:
<https://vidaboa.redelivre.org.br/2016/03/10/poeminhas-de-manoel-de-barros-menino-do-mato/>. Acesso em: 24 maio 2025.

BENJAMIN, W. *Linguagem, tradução, literatura*: filosofia, teoria e crítica. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

BENJAMIN, W. *Obras escolhidas*: magia e técnica, arte e política. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BISPO, A. *Confluências - Antonio Bispo*. YouTube, 2021. 7min3s. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=fi-4T8tdYDY>. Acesso em: 29 nov. 2024.

BORDA, O. F. *Una sociología sentipensante para América Latina*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2015.

CARERI, F. *Caminhar e parar*. São Paulo: Gustavo Gili, 2017.

CARERI, F. *Walkscapes*: o caminhar como prática estética. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

- CÉSAR, C. **Experiência**. YouTube, 2014. 4min51s. Disponível em: <https://youtu.be/tfPz-RKtctc?si=-vDHoHAmEGbxpgib>. Acesso em: 30 abr. 2025.
- DYLAN, B. **A hard rain's a-gonna fall (official audio)**. YouTube, 2016. 6min51s. Disponível em: <https://youtu.be/T5al0HmR4to?si=Bh68IOKf5DqvomL8>. Acesso em: 30 abr. 2025.
- FERRAÇO, C. E. Eu, caçador de mim. In: GARCIA, R. L. (org.). **Método**: pesquisa com o cotidiano. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 174-175.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 73. ed. São Paulo: Paz & Terra, 2020.
- GARCIA, R. L. Tentando compreender a complexidade do cotidiano. In: GARCIA, R. L. (org.). **Método**: pesquisa com o cotidiano. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 9-16.
- KRENAK, A. **Futuro ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- LARROSA BONDÍA, J. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002. DOI 10.1590/S1413-24782002000100003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/>. Acesso em: 3 dez. 2024.
- LARROSA, J. O ensaio e a escrita acadêmica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 28, n. 2, p. 101-115, 2003. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/25643>. Acesso em: 5 dez. 2024.
- LEMINSKI, P. Razão de Ser. **Tudo Poema**, s. d. Disponível em: <https://www.tudoepoema.com.br/paulo-leminski-razao-de-ser/>. Acesso em: 24 maio 2025.
- MATURANA, H. **Cognição, ciência e vida cotidiana**. Belo Horizonte: UFMG, 2006.
- NASCIMENTO, M. **Maria Maria**. YouTube, 2013. 5min58s. Disponível em: <https://youtu.be/IEIS9cxpImA?si=sIcKeZwgMYv2inDG>. Acesso em: 30 abr. 2025.
- OLIVEIRA, E. Território de ancestralidade: derivas e quintais. **Revista Cult**, São Paulo, 1 jul. 2021. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/territorio-de-ancestralidade-derivas-e-quintais/>. Acesso em: 30 abr. 2025.
- PONTOS de Exu: diversas cantigas (pontos cantados) para os Exus. **Giras de Umbanda**, 2021. Disponível em: <https://girasdeumbanda.com.br/materia/235/pontos-de-exu.html>. Acesso em: 10 nov. 2024.
- PRANDI, R. **Os princípios do destino**: os Odus de Ifá e suas extraordinárias histórias. Ilustrações de Anna Cunha. 2. ed. São Paulo: Pallas, 2022.
- ROSA, J. G. **Grande sertão**: veredas. 21. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.
- RUFINO, L. **Cazuá**: onde o encontro faz morada. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2024.

RUFINO, L. **Pedagogia das encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

SANTANA, A. Bell hooks: uma grande mulher em letras minúsculas. **Mar de Histórias**, 2009. Disponível em: <https://mardehistorias.wordpress.com/2009/03/07/bell-hooks-uma-grande-mulher-em-letras-minusculas/>. Acesso em: 2 dez. 2024.

SANTOS, B. S. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, n. 63, p. 237-280, 2002. DOI 10.4000/rccs.1285. Disponível em: <https://journals.openedition.org/rccs/1285>. Acesso em: 2 out. 2021.

SIMAS, L. A. **O corpo encantado das ruas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

SIMAS, L. A.; RUFINO, L. **Flecha no tempo**. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

SOMOS começo, meio e começo – um até breve a Nêgo Bispo. **Redes da Maré**. 2023. Disponível em: <https://www.redesdamare.org.br/br/artigo/321/somos-comeco-meio-e-comeco-um-ate-breve-a-nego-bispo?form=MG0AV3>. Acesso em: 11 dez. 2024.

TAMMELA, R. Narrativas de uma extensão sentipensante: quando caminhamos nessa deriva, acontece o amor. **Revista Em Extensão**, Uberlândia, v. 23, n. 2, p. 4-18. DOI 10.14393/REE-2024-74726. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/revextensao/article/view/74726>. Acesso em: 30 abr. 2025.

VELOSO, C. **Oração ao tempo (ao vivo)**. YouTube, 2018. 3min37s. Disponível em: https://youtu.be/HQap2igIhxA?si=lAsy6qGx-lzO_IrA. Acesso em: 30 abr. 2025.